



**IX CONCURSO  
DE  
REDAÇÃO**

 Centro de Comunicação e Letras  
Programa de Pós-graduação - Letras

## DIACUÍ: A FLOR NO MEIO DO SERTÃO

**Prêmio Honra ao Mérito**

**Alunas:** Paula Fernandes de Melo Souza  
Colégio Stella

Não chovia naquela manhã. O sertão de muitos brasileiros exibia seu cenário retorcidamente escaldante. Naquele ambiente, ora amarelado, ora cinzento, era a vez do sol se exhibir. Ele estava no ponto mais alto do céu. E ria. Ironicamente, observava mãos calejadas trabalhando. Podia-se ver sua satisfação, já que chorava no dia anterior e ele não pode dar às caras. Sol e chuva. Chuva e sol. Numa briga constante para ver quem assistia mais àquela gente.

O local cheirava cansaço. Há quem dissesse que era uma desgraça nascer ali. Se o Diabo realmente existia, com certeza esta era sua habitação. Talvez por isso Deus deixasse de lado aquele povo.

Nessa paisagem, uma mulher grávida sentia, sofredamente, as dores do parto. “Salvem minha criança”. “Salvem” não podiam ouvi-la. Ou talvez não estivesse gritando tão alto. Suava, encostada num tronco podre de buriti. Por horas, ficou assim. Sentiu seu corpo amolecer. Deu um último grito desesperado. Em silêncio, esperou. Passaram-se segundos quando um grito estrangulado de criança surgiu. Simultaneamente, um trovão ecoou alto, forte, no céu, reivindicando sua chance de ser ouvido. O sertão parou para ver aquela cena. A mulher, inerte, sorria. Um lindo e tranqüilo sorriso. Os trabalhadores, agora conscientes de sua presença, foram até ela “Está morta”. Não havia mais o que ser feito. A criança chorava. Acabava de nascer para aquele mundo. Naquele mundo. Diacuí. A flor que nasceu do triste e quente sertão.

De repente, o sol parou de sorrir. Pequenos brilhantes foram caindo do céu, um a um. A chuva caía incessante, interrompendo o amarelo ofuscante. Eram gotas de esperança, mandadas divinamente para iluminar a paisagem.

Diacuí crescia e absorvia tudo à sua volta. Enormes buritis assistiam à menina enquanto ela desabrochava. O sol a encarava desafiador, cauteloso. Não mais sorria como antes. O sertão seguia com sua rotina simples. Mais algumas primaveras se passaram e a menina, agora mulher, era uma legítima mineira de raiz e de sertão. Trabalhava diariamente na roça. Falava pouco, escondia-se naquele ambiente. À noite, dormia rápido. "O sertão é do tamanho do mundo, Diacuí, não se esqueça" Sempre a mesma frase.

Logo de manhã, voltava para sua vida, sempre de espinhos, mais um dia quente de arado. Trabalhava muito, vivia pouco. Raramente ria. "O sertão é do tamanho do mundo". Ecos constantes em sua cabeça.

Por vinte anos, a mesma rotina, a mesma frase. Até aquele momento. Naquele dia, Diacuí sentia-se incomodada. Seu peito doía, apertado. Não sabia explicar o porquê, mas sentiu. Só sentia. Trabalhou como todos os outros dias. Uma vida dura, a vida retorcida. À noite, a mesma voz. Outras palavras. "Viver é muito perigoso".

Pela manhã, foi para roça. O peito apertado. Não conseguia trabalhar. Ficou em transe. Parou diante de uma buriti. Olhava, observava a paisagem, tentando captar todos os elementos. "Pela última vez". Um estrondo. Diretamente em Diacuí. O raio atingiu-a em cheio. O sertão mais uma vez parou. A flor murchou por um instante. Os trabalhadores rurais chegavam, em marcha. Ao redor do corpo. Uma roda, uma cantiga, enquanto as lágrimas da chuva caíam. Todos, em coro.

Diacuí abriu os olhos. Sentiu que eles queimavam com a claridade. Logo se acostumou. "E o verde?" Respirou fundo e olhou para si. "Uma buriti?". Olhou ao redor. Não havia outras. "Verde... cadê?". Pôs-se a caminhar e observar tudo. Realmente não conhecia aquele local. Hesitou. Desconfiada, olhou para trás. Viu o mundo. Confundiu-se com o verde e as nuvens negras; ora próximos, ora distantes, num jogo de vai-e-vem. Lembrou-se dos seus sonhos. "O sertão é o mundo todo". Agora entendia. E percebeu. Aquilo era a vida. Sentia-se completa, sentia-se encantada.